



PREFÁCIO DE TRADUÇÃO OU MANIFESTO FEMINISTA?

TRANSLATION PREFACE OR FEMINIST DEMONSTRATION?

Raquel Dotta Corrêa¹
Rosvitha Friesen Blume²

Resumo: Este artigo apresenta e discute o prefácio de uma tradução da obra *Principia Philosophiae* de Rene Descartes realizada por Giuseppa Eleonora Barbapiccola, tradutora italiana do séc. XVIII. Nesse prefácio, bastante extenso, a tradutora defende com veemência seu trabalho intelectual, defesa essa necessária tanto por ser mulher quanto por estar divulgando os princípios filosóficos de Descartes, em desalinho com a Igreja, entre o povo italiano.

Palavras-chave: prefácio de tradução, tradutora italiana, manifesto feminista.

Abstract: This paper presents and discusses the preface to a translation of the work of Rene Descartes's *Principia Philosophiae* performed by Giuseppa Eleonora Barbapiccola, Italian translator of the XVIII century. In this preface, quite extensive, the translator strongly supports her intellectual work, trying to make a point for both being a woman and for spreading the philosophical principles of Descartes, questioning the Church, among the Italian people.

Keywords: translation preface, Italian translator, feminist manifesto

¹ Graduada em Letras Italiano e Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora substituta no Departamento de Metodologia do Ensino de Italiano na UFSC. Email: raqueldotta@hotmail.com

² Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora de Língua e Literaturas de Língua Alemã e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da mesma instituição. Email: blume@cce.ufsc.br

Introdução

A despeito do que registra a historiografia literária oficial, mulheres, especialmente nos últimos séculos, têm participado intensivamente da produção e da tradução de literatura. Essa participação torna-se notável se analisadas as condições desfavoráveis e preconceituosas que elas encontraram no passado, ao tentarem compor seus textos e publicá-los. A intersecção entre os Estudos Feministas/ de Gênero e os Estudos da Tradução vem promover um novo olhar sobre o trabalho de tradução realizado por mulheres nos últimos séculos.

É importante lembrarmos que mulheres, no passado, publicavam frequentemente com pseudônimos, nomes fictícios ou, ainda, apenas com as iniciais de seus nomes para não serem discriminadas ou tratadas de forma distinta pela crítica. A produção de literatura era dominada por homens. À mulher, que conseguia o acesso à alfabetização e ao estudo de línguas, cabia apenas a tarefa 'secundária' de traduzir. E, mesmo como tradutoras, na maioria das vezes, suas obras eram publicadas com o uso de pseudônimos ou com o nome do marido, ou sequer era citado quem realizou a tradução da obra publicada.

Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado³ junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC e busca refletir sobre o ingresso de uma tradutora italiana na literatura do século XVIII na Itália. Giuseppa Eleonora Barbapiccola foi ilustre estudiosa da filosofia e da matemática, tradutora e crítica literária, que usou do meio da tradução para afirmar sua voz e se fazer presente no meio literário.

Sherry Simon (1996) argumenta que as primeiras traduções feitas por mulheres foram de textos religiosos, no início da Idade Média, na Europa. Ao traduzir, essas mulheres reivindicavam o direito de demonstrar sua fé e devoção a Deus e quebravam o silêncio ao qual estavam submetidas e confinadas. Para a pesquisadora, "a tradução ofereceu às mulheres um envolvimento na cultura literária, como produtoras e consumidoras, o que não desafiava diretamente o controle masculino daquela cultura." (1996, p. 46)

Além de Sherry Simon, várias outras pesquisadoras na interface Estudos da Tradução e Estudos Feministas/ de Gênero (GODARD 1990, FLOTOW 1997, CHAMBERLAIN 1998) têm demonstrado que, ao longo dos séculos, a tradução desempenhou um papel social, estético e cultural importante para as mulheres, pois foi por meio dela que o sexo feminino entrou para o campo literário e aos poucos foi rompendo com a resistência e conceitos patriarcais tradicionais.

Através do uso de paratextos em suas obras traduzidas, mulheres dirigiam-se frequentemente ao seu público alvo, falando de suas intenções como tradutoras e suas expectativas em relação à obra traduzida. Era uma estratégia de a mulher expressar-se, ter voz e inserir-se no meio cultural, assumindo uma postura de sujeito da tradução que realizava. Apresentamos e comentamos aqui, a título de exemplo, alguns trechos da carta prefácio⁴ à tradução da obra *Principia Philosophiae* de Rene Descartes realizada

³ A pesquisa foi realizada por Raquel Dotta Corrêa sob a orientação da professora Rosvitha Friesen Blume. A dissertação intitula-se "A voz da tradutora: paratextos em traduções de mulheres italianas nos séculos XVII e XVIII".

⁴ Essa carta-prefácio, que contém 20 páginas, foi traduzida na íntegra do italiano do séc. XVIII por Raquel Dotta Corrêa com a revisão do professor Sérgio Romanelli da PGET – UFSC, figurando como anexo da dissertação mencionada na nota 3.

por Giuseppa Eleonora Barbapiccola, com o intuito de melhor entender o papel da mulher tradutora na sociedade patriarcal do séc. XVIII na Itália. Consideramos que essa tradutora percebeu a tradução como um espaço estratégico para suas lutas político-ideológicas, e a usou como tal.

1 Giuseppa Eleonora Barbapiccola

Julgamos necessário mencionar aqui alguns aspectos e fatos da vida da tradutora, a fim de entender melhor o papel que ela exerceu na sociedade italiana de seu tempo. Barbapiccola nasceu na cidade de Salerno no ano de 1702. Estudou desenho, metafísica, matemática e filosofia. Destacou-se pela tradução que fez da obra *Principia Philosophiae* de Rene Descartes, filósofo e matemático francês, publicada em 1722, quando ela tinha apenas 20 anos de idade.

A tradutora desejava a perfeição para sua tradução e por isso sua versão para a língua italiana foi realizada a partir da versão na língua francesa, confrontada com a versão em latim, buscando, ela assim, a maior fidelidade possível à obra original.

Ao se tornar a famosa tradutora de Rene Descartes na sociedade italiana, foi convidada a ingressar na *Accademia dell'Arcadia* em 1728, espaço este reservado de início somente a homens, recebendo ali o nome pastoral de Mirista Acmena.

Uma das cópias da tradução de Barbapiccola encontra-se na cidade de Trento, na Itália, em uma igreja chamada *Provinciale Padri Cappuccini* e foi cedida por algumas horas para consulta, a fim de viabilizar esta pesquisa.

A tradução dessa obra para o italiano por Barbapiccola representa um grande feito e o prefácio que ela redigiu para a mesma pode ser considerado um verdadeiro manifesto sobre os direitos das mulheres à educação e à instrução, conforme veremos em alguns trechos do mesmo, traduzidos e comentados no decorrer deste artigo. Segundo a tradutora italiana, sua intenção era superar os limites da educação feminina que existia na época; além de dedicar-se aos estudos, organizava debates para mulheres, com a intenção de compartilhar seus conhecimentos de filosofia cartesiana, afirmando que não queria apenas ser conhecida pela tradução que fez, mas, que queria ir além (NATALI, 1936, p. 162).

Em *Principia Philosophiae* Descartes retoma a quase totalidade dos temas e teses abordados em seus livros anteriores: a metafísica, a física fundamental e uma explicação do universo realizada em inúmeros ensaios científicos anteriores, ou seja, a obra não constitui uma apresentação de temas novos, mas, sim, uma exposição nova, e, pela primeira vez, completa de um pensamento que alcançava a maturidade.

Ao ler a tradução de *Principia Philosophiae* feita por Barbapiccola, notamos que se trata de uma espécie de manual destinado a servir de apoio nas escolas com intenções pedagógicas, apresentado em forma de artigos curtos e densos, que se podem ler e comentar um por um; a tradutora manteve o estilo didático de Descartes e não apenas traduziu a obra na íntegra, como também acrescentou explicações e comentários ao longo de cada parágrafo, por meio de notas de rodapé, colocando-se, assim, como tradutora visível e muito presente no texto.

2 A carta-prefácio de Giuseppa Eleonora Barbapiccola à sua tradução de *Principia Philosophiae* de Descartes

2.1 Sobre como a mulher era vista na época de Barbapiccola

Já no início de seu prefácio a tradutora deixa claro que é consciente da posição da mulher na sociedade de seu tempo, falando sobre os costumes, os afazeres e as obrigações das mulheres, que se restringiam à esfera privada e sendo o seu lugar longe das ciências: “Não gostaria que, inicialmente, ao ler o título deste livro e percebendo ser obra de uma mulher⁵, sintam vontade de mandá-la de volta a seus afazeres comuns e tradicionais como tecer em meio a carretéis e linhas [...]” (CORRÊA, 2010, p.90) E, a seguir, Barbapiccola mostra as origens dessa postura que ela teme encontrar em seus leitores.

Fazendo uma viagem pela história, ela cita Homero, que põe na boca de seu personagem Heitor a exortação “[...] que as mulheres retomem suas principais ocupações, ou seja, seus teceres [...]”. Porém, ao mesmo tempo, a tradutora também menciona diversas personalidades da história que teriam contestado a ideia de que “[...] as ocupações das mulheres, outras não deviam ser que aprender o catecismo, a costurar e a realizar pequenos trabalhos como cantar, dançar, pentear-se à moda, saber fazer bem as reverências e falar educadamente [...]”. (CORRÊA, 2010, p.90)

Barbapiccola cita ainda um determinado “Estudo das Mulheres” no qual o autor daria “a entender que elas não sejam capazes de estudar por conta própria, e que os espíritos delas, além de serem em qualidade diferentes daqueles dos homens, são também de pouco valor, inferiores.” (CORRÊA, 2010, p.90-91) Ela ainda alude ao preconceito de que mulheres não poderiam se ocupar de filosofia: “Então passamos aos estudos da poesia e da Filosofia de um modo especial, que muitas ciências compreendem, onde parece que seja necessário de outro espírito que não o de mulher [...]” (CORRÊA, 2010, p.92) Entretanto, através da apresentação de seu trabalho, com que vem a público, contesta essa posição fixada para a mulher, mostrando que, não só ela, mas muitas outras mulheres apresentaram capacidades bem superiores às esperadas pela sociedade em seu tempo e em outras épocas.

2.2 Sobre outras mulheres que também se destacaram por seus feitos

A tradutora arrola uma quantidade enorme de nomes de mulheres que se destacaram ao longo da história. Ela desafia a memória de seus leitores, indagando: “quem que não sabe ainda mesmo que tenha um conhecimento bem medíocre da história, o quanto em cada época as mulheres se destacaram na literatura.” E ela inicia a sua lista com as que se sobressaíram na poesia grega, como

Corinna Tebana que venceu por cinco vezes o príncipe dos poetas líricos Píndaro; outra foi Corinna Lesbia; Erinna di Telo, donzela que, tendo apenas treze anos, solicitou que chegasse seu verso à magestade de Homero [...] Dafne, que compôs muitos livros de poesias, em cujos

⁵ A tradutora publicou a tradução com o seu nome como parte do título, na capa do livro (vide bibliografia).

versos se baseou mais tarde Homero, conforme afirma Diodoro Siciliano. (CORRÊA, 2010, p.91)

Barbapiccola menciona também “Saffo di Lesbo, inventora do Verso Sáffico, que dela traz o nome, que, segundo Strabone, era inalcançável na poesia [...]” e “Jambe, inventora do verso Jambico.” E a lista continua com a literatura latina: “[...] Polla Argentaria, esposa de Lucano Poeta, que ajudou o poeta a completar os primeiros três livros da Farsalia, de acordo com o que nos conta Stazio [...]”, além de várias outras. (CORRÊA, 2010, p.91)

Caminhando pela história e aproximando-se de seu tempo, a tradutora afirma: “assim, também, em épocas mais próximas a nós, ilustres foram Abella, Mercuriade, Rebeca, Trotta ou Trotila, Senzia Guarna e Costanza Galenda na Escola Salernitana, e por ter citado em público as lições e ter criado muitas obras dignas.” (CORRÊA, 2010, p.92) Ela diz também que “não devem ser esquecidas outras mulheres que tinham diferentes tipos de erudição, que em tudo não são menos aptas que os homens.” Barbapiccola cita nomes de mulheres especialistas em retórica, em língua grega e egípcia, fala das “inteligentes mulheres romanas que possuíam muito conhecimento sobre as obras sagradas, que São Jerônimo resolveu dedicar-lhes algumas obras suas [...]”. (CORRÊA, 2010, p.93) Aponta também o que dizia certo homem sobre uma mulher das letras: “[...] a veneziana Cassandra Fedele, de quem fala Poliziano, que ela trocava a lã pelo livro, o carretel pela caneta e a agulha pelo estilo.” (CORRÊA, 2010, p.94) E mais adiante ela dá um destaque todo especial a uma mulher:

Em tempos não muito distantes, entre as pessoas do sexo feminino que cultivaram as belas letras, não foi encontrada nenhuma, que com maior esplendor seja companheira de Ana Maria von Schurman de Mastrik, a qual, além das Ciências, dominava a língua latina, grega, hebraica, italiana, francesa, espanhola, alemã como língua materna [...]. (CORRÊA, 2010, p.94)

Igualmente ela rende homenagens a uma tradutora famosa:

[...] e outra que se tornou muito famosa foi Madame Dacier, muito louvada pelas tantas belas traduções que fez de autores latinos para o francês e também pelas notas cultas que fez, deixando um belo estudo sobre as muitas outras mulheres da antiguidade e da atualidade ainda viventes, cujos nomes seriam suficientes para criar um livro. (CORRÊA, 2010, p.94)

Barbapiccola também não se esquece de suas contemporâneas:

E dos nossos tempos, são muitas as que são lembradas, as quais tem um lugar tão distinto na renomada *Accademia dell' Arcadia*, sem mencionar aquelas além dos Alpes da França em particular, onde a inteligência das mulheres não menos daquelas dos homens vem sendo cultivada. (CORRÊA, 2010, p.92)

Ao elencar uma quantidade considerável de nomes de outras mulheres que também se dedicaram às ciências e às letras, a tradutora mostra que ciência e literatura são sim, assunto de mulher também, utilizando o espaço paratextual para fazer o seu manifesto feminista.

Para dar maior credibilidade ao seu 'manifesto', invoca a obra de Boccaccio, *De mulieribus claris* (CORRÊA, 2010, p.91) que também se preocupava em destacar as mu-

lheres que, de alguma maneira, participaram da literatura e ainda a *Accademia dell'Arcadia*, que possibilitou a muitas mulheres a participação em reuniões literárias.

Em muitas partes do texto, Barbapiccola ressalta que as mulheres não são inferiores aos homens em inteligência, pleiteando, junto ao seu público leitor que valorize as mulheres, ou até, mostrando a estas mesmas a sua capacidade. Enfatiza que outras mulheres muito estudaram e se destacaram e também deixaram escritos sobre as mulheres do passado.

2.3 Sobre mulheres que estudaram a filosofia de Descartes

Entre as muitas mulheres notáveis de diversas áreas a tradutora menciona duas que se ocuparam, antes dela, intensivamente da filosofia de Rene Descartes:

[...] é recente a memória da excelentíssima Rainha da Suécia, Cristina, que entre suas qualidades tinha aquela de ter cultivado a Filosofia de Rene Descartes secretamente, como também de tê-la protegido e promovido; e entre nós também é o caso da louvada Duquesa de Limatola, que herdando o profundo saber de Lucrezia, Duquesa de Urbino, na poesia e na filosofia, que muito conhecimento tinha e se interessava tanto pela Física quanto pela Metafísica Cartesiana que a chamavam de cientista única, conforme se lê no elogio que ela recebe no volume XXXII no *Giornale de'letterati d' Italia* [...]. (CORRÊA, 2010, p.92-93)

A tradutora mostra aos seus leitores que mulheres importantes defendiam a filosofia de Descartes que ela estava trazendo agora para a cultura italiana, tendo o cuidado de mencionar as fontes bibliográficas de sua afirmação, para que o leitor pudesse ter a comprovação do que ela estava dizendo.

Barbapiccola afirma que ela mesma se dedicou à “Filosofia Cartesiana” mais que a qualquer outra e que por isso se animou

a traduzi-la na língua italiana para fazê-la chegar a muitos outros leitores, em particular às mulheres, as quais, assim como disse Rene em uma de suas cartas, são mais aptas à Filosofia que os homens; tendo ele comprovado isso em sua protegida Elisabetta, filha de Federico, rei da Boêmia [...]. (CORRÊA, 2010, p.94)

Uma das possíveis razões pelas quais Barbapiccola escolheu Descartes para traduzir pode haver sido justamente o fato de que este acreditava que as mulheres possuíam grande aptidão para os estudos filosóficos, o que possivelmente pôde comprovar ao haver ensinado, durante anos, filosofia para a princesa Cristina da Suécia, chegando a dedicar sua obra *Principia Philosophiae* a ela.

2.4 Sobre a sua formação

A respeito desse assunto Barbapiccola se coloca de uma forma muito pessoal, revelando a sua luta por uma formação digna:

Pelo exemplo dessas inteligentes mulheres, eu, extremamente animada - tanto que acredito poder um dia vencer a parte fraca do meu sexo, que reduz o estudo a saber brincar e a falar bem das vestimentas da moda e das fitas, defeito criado não tanto pela natureza, mas pela péssima má educação e costumes, me propus a cultivar, primeiramente, as línguas e, em seguida, enquanto as habilidades permitirem, as Ciências, entre essas, a Filosofia, como aquela, que pela parte moral nos torna civis, pela Metafísica, iluminados e pela Física instruídos sobre a vaga e maravilhosa arquitetura deste grande palácio do mundo que DEUS formou para que fosse nossa a moradia, sendo muito desagradável habitar esse espaço como animais brutos [...]. (CORRÊA, 2010, p.94)

Ao afirmar que mulheres sabem tão pouco, “[...] não tanto pela natureza, mas pela péssima má educação e costumes [...]”, a tradutora do século XVIII já antecipa, de certa forma, a máxima feminista proclamada por Simone de Beauvoir dois séculos mais tarde, de que não se nasce, mas torna-se mulher, ou seja, ela já contesta a ideia essencialista de que a posição da mulher na sociedade fosse naturalmente dada.

Barbapiccola também ressalta e defende a importância de uma formação educacional para as mulheres diferente daquela oferecida a elas em seu tempo e acentua os seus esforços pessoais no sentido de alcançar outro patamar para si e para quantas pudesse influenciar.

2.5 Sobre a questão do uso da língua vulgar

Barbapiccola retrata a questão da evolução da língua vulgar na Itália em seu prefácio, defendendo o uso da mesma. Vale dizer que esta era uma questão muito polêmica em seu tempo, visto que a língua culta era o latim. Mas ela ressalta a importância que o uso da língua efetivamente falada pelo povo teria para a divulgação da ciência entre leitores comuns.

E esta é uma grande vantagem daqueles, que não usam outra língua além da materna e têm desejo de aprender, abrindo, assim, a eles a estrada para apreciar não somente a leitura desses textos, mas de conseguir o proveito que trazem as ciências, as quais não se prendem às línguas, mas às coisas, que em cada língua com propriedade bem se possam explicar, com atenção no que diz respeito somente a alguns vocábulos específicos da arte, os quais, com o som que o acompanhou desde seu início é importante reproduzi-los, fato este que foi observado com seriedade nesta tradução. (CORRÊA, 2010, p.95)

E ela justifica essa prática a partir de dados históricos:

[...] em qualquer época, era comum se traduzir os livros na linguagem usual, ainda que os romanos traduzissem para o latim as obras gregas mais notáveis e importantes, tanto históricas quanto doutrinárias; e, em seguida a língua latina deixou de ser usada pelo vulgo, os livros escritos foram sendo traduzidos para as outras línguas que foram surgindo, em particular a italiana no esplendor do século XVI, e a língua

francesa no século passado, quando mais do que nunca na França a leitura estava em alta. (CORRÊA, 2010, p.95)

Percebe-se, pois, a preocupação constante da tradutora com a socialização do saber em seu tempo: “[...] quero eu tornar vulgar uma ciência tão sublime quanto é a inteira filosofia e com o ignorante povo compartilhá-la [...]” (CORRÊA, 2010, p.96). E sua preocupação se voltava tanto para o povo comum quanto para mulheres de um modo específico, dois grupos que possuíam um acesso muito restrito à educação na época.

2.6 Sobre a sua prática tradutória

Comentando seu trabalho de tradução, Barbapiccola assume um tom de humildade que é próprio de tradutores de todos os tempos, uma vez que a atividade tradutória tem sido vista, historicamente, como secundária, derivativa e meramente reprodutiva e, por isso mesmo, cercada de metáforas alusivas ao feminino, conforme demonstra Chamberlain (1998) em seu artigo “Gênero e a Metafórica da Tradução”. Esse tom de subserviência assume também a tradutora em questão, embora, diante de seu brilhante trabalho, se possa considerar o tom de humildade mais como gesto de ‘boa educação’.

[...] se depois, nela, toda a beleza do italiano falado não se conseguir ver, é importante saber que nos preocupamos mais com a explicação dos sentimentos que com a forma do texto original, não podendo mesmo assim, evitar alguns vícios típicos na tradução de uma língua para a outra, porque sempre se perde a elegância, a graça, a propriedade e o número da língua original, na qual tão extraordinariamente os autores tenham escrito, assim como acontece ao reproduzir, ainda que da mão experiente, um quadro de excelente pintor, que, mesmo assim, não guarda a veracidade do original. [...]

Barbapiccola exalta as condições de trabalho do tradutor francês, que contara com uma revisão de sua tradução pelo próprio autor do texto original, Descartes. Ela deixa entrever, entretanto, que também recebeu elogios pela sua tradução, e que foi instada a publicá-la - mais uma maneira de afirmar seu trabalho diante do leitor.

No que diz respeito à exatidão da explicação de coisas tão difíceis quanto as filosóficas são, realmente não deveria eu, assim com pressa, publicar esta tradução, se antes não tivesse sido vista por algum homem muito culto e notável como fez o tradutor francês, que exigiu o julgamento do próprio Rene, e, como frequentemente acontecia nos tempos antigos com os livros, que se deveria entregar ao público [...] tendo eu sido obrigada a publicá-la, fui induzida, deixando persuadir-me por receber boas considerações, e esperando que outros, seguindo o meu gênio, fizessem outras melhores, como foi frequentemente feito com as obras de célebres autores que por mais de uma pessoa para outra língua foram traduzidos. (CORRÊA, 2010, p.95)

2.7 Sobre seus paratextos

Barbapiccola justifica o uso que fez de alguns paratextos em sua tradução, igualmente com um tom de aparente humildade:

Foi de meu entendimento acrescentar algumas pequenas notas ou breves reflexões, para mostrar passo a passo o quanto erroneamente e com pouca razão a esta filosofia se atribuem muitas coisas pelo autor nem se quer imaginadas, e colocar em princípio um breve, mas completo resumo da vida de Rene, para tornar claro o modo dos seus estudos e a ordem que ele considerou ser o bom filosofar na história da sua filosofia. (CORRÊA, 2010, p.96)

Na verdade o tom humilde pode ser lido até mesmo como estratégia para alcançar a aceitação de seus leitores, pois não se trata de “algumas pequenas notas ou breves reflexões”. A tradutora comentou, parágrafo por parágrafo, a totalidade da obra que traduziu, demonstrando grande conhecimento e censo crítico, aproveitando o espaço paratextual para se colocar com uma voz própria e independente.

2.8 Em defesa da filosofia cartesiana

A maior parte de seu prefácio é dedicada à justificação e à defesa da filosofia de Descartes, que naquele tempo já era corrente na Europa, e que ela procurava difundir entre o povo italiano comum.

E porque senti de dizer que a Filosofia Cartesiana foi fundada sobre grandes pensamentos e sobre certas experiências, e que procedia com métodos claros, obtendo as coisas umas das outras, e que uma infinidade de seguidores tinha conquistado; a esta filosofia mais que a qualquer outra me dediquei, quis estudá-la na sua fonte, pois estava em dúvida dos seus rios, que essa água original não guardava com a mesma clareza. [...]. (CORRÊA, 2010, p.94)

A única filosofia que era bem vista aos olhos da Igreja naquele período era a que não ofendia e não tirava a autoridade da religião e da fé cristã, o que, segundo muitos críticos de Descartes, não era o caso:

Chegando enfim ao ponto que a Filosofia Cartesiana não se adapta com a nossa Santa Religião, que é o falatório daqueles que são contra a filosofia de Descartes, por fins particulares vão espalhando frequentemente, por amor à verdade, entre os ignorantes e cheios de preconceitos o tempo todo: é preciso que as coisas como se diz, sejam observadas do seu princípio, como se faz com o ovo. (CORRÊA, 2010, p.98)

Ao defender as ideias de Descartes, Barbapiccola tomou partido das palavras do autor perante seus leitores e permitiu que o povo italiano tivesse acesso à ciência moderna que estava surgindo na Europa, embora estivesse ciente de que a filosofia de

Descartes ia contra o que pregava a Igreja, assumindo, assim, certos riscos com a publicação de sua tradução. Daí sua veemente e prolongada defesa das ideias do filósofo e de sua tradução da obra do mesmo.

2.9 Sobre a extensão de seu prefácio

Para concluir seu prefácio a tradutora afirma: “Não mais que isso direi, deixando o que restar aos cuidados e ao conhecimento dos meus leitores [...]” (CORRÊA, 2010, p.101) E, um pouco adiante ela diz: “E isto é quanto em uma breve carta eu pude dizer dessas coisas, pois, para dizê-las completamente teriam sido necessárias muito mais que poucas páginas e muito mais que o meu pouco talento.” (CORRÊA, 2010, p.102)

O prefácio que Barbapiccola escreveu em sua tradução da obra de Rene Descartes tem vinte páginas. A tradutora o chama de “breve carta” e de “poucas páginas”, alegando que havia muitas outras coisas para dizer. Baseadas nisso, questionamo-nos por que motivo ela não escreveu uma obra própria sobre a filosofia de Descartes e sobre seus estudos. Por que ela escreveu uma nota para cada parágrafo traduzido, dissertando sobre a filosofia e mostrando seu ponto de vista a respeito? Arriscamos responder: porque a tradução era o único espaço textual permitido às mulheres, enquanto texto derivativo, e não um texto de autoria própria, ainda mais se o assunto fosse filosofia. Porém, acreditamos que Barbapiccola alcançou visibilidade no meio cultural através dessa tradução e de seu estratégico prefácio, além das notas, que não só auxiliavam o leitor leigo, mas davam mostras de seu vasto conhecimento, que vinha a público nesse espaço secundário, mas não invisível, que é o conjunto paratextual de uma obra.

Conclusão

Como afirma Costa (2009, p.104), “há silêncios por examinar”. Este artigo, cuja temática está vinculada ao campo da História da Tradução, aqui numa perspectiva de gênero, teve como objetivo principal propor uma apresentação e ressignificação da carta-prefácio encontrada na tradução para o italiano da obra *Principia Philosophiae* de Rene Descartes realizada por Barbapiccola no século XVIII na Itália.

Entendemos que Barbapiccola traduziu, para os italianos, uma obra de grande importância para a época, disponível até então, apenas na língua latina. Ao traduzir *Principia Philosophiae* para a língua italiana, a tradutora possibilita que um número maior de pessoas, especialmente mulheres, tivesse acesso ao texto, uma vez que o povo de um modo geral não dominava o latim. O cartesianismo já estava lançado e divulgado em toda Europa e assim, com a sua tradução para o italiano, Barbapiccola posiciona-se a favor da filosofia de Descartes e proporciona um acesso mais amplo a ela em seu país.

A carta-prefácio escrita por Barbapiccola é um exemplo marcante da atividade de mulheres no meio cultural de sua época e representa uma rica fonte de informações sobre as condições de mulheres em produzir e traduzir textos no passado, assim como sobre sua inserção científico-cultural, política, econômica e pessoal na sociedade em que viviam. Esperamos assim, ter contribuído com as pesquisas sobre mulheres do

passado, mostrando que tradutoras italianas contribuíram para o crescimento e a evolução da ciência e da cultura de seu tempo.

Referências bibliográficas

BARBAPICCOLA, Giuseppa Eleonora. **I principi della filosofia di Renato Des-Cartes**. Tradotti dal Francese col confronto del Latino in cui l'Autore li scrisse da Giuseppa-Eleonora Barbapiccola, tra gli Arcadi Mirista, Torino, 1722.

CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a Metafórica da Tradução. Tradução de Norma Viscardi. In: Ottoni, Paulo (org.) **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

CORRÊA, Raquel Dotta. **A voz da tradutora: paratextos em traduções de mulheres italianas nos séculos XVII e XVIII**. Dissertação de Mestrado, PGET – UFSC, 2010.

COSTA, Suely Gomes. **A formação em estudos de gênero, mulheres e feminismos: impasses, dificuldades e avanços**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2009.

FLOTOW, Luise von. **Translation and Gender**. Translation in the Era of Feminism. Manchester, St Jerome/ University of Ottawa Press, 1997.

GODARD, Barbara. Theorizing Feminist Discourse/ Translation. In: Bassnett, Susan / Lefevere, Andre (eds.) **Translation, History & Culture**. London and New York, Printer Publishers, 1990.

NATALI, Giulio. **Il Settecento**. Milano: Vallardi, 1936.

SIMON, Sherry. **Gender in Translation: Cultural Identity and the politics of Transmission**. London: Routledge, 1996.

Recebido: 30/04/2011

Aprovado: 20/07/2011